

Título	A PRODUÇÃO DA AÇÃO COLETIVA NO MST: Relações de Poder e Subjetividade
Autor	MIGUEL ÂNGELO LAZZARETTI
Orientador (es)	Marilda Aparecida de Menezes
Resumo	<p>O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é uma organização que luta pelo acesso à terra e pela melhoria da qualidade de vida das famílias assentadas sob sua coordenação. Neste sentido, este movimento tem produzido diversas formas de ações coletivas nos assentamentos no intuito de garantir que os agricultores possam se viabilizar econômica e socialmente. Sendo assim, o objetivo deste estudo é analisar a produção da ação coletiva do MST tendo em vista as relações de poder geradas nos assentamentos e a subjetividade dos assentados. A pesquisa está baseada em estudos de casos em dois assentamentos do estado da Paraíba: Mandacaru (na região do Semi-árido) e Massangana III (na região da Zona da Mata). Este estudo, amparado na teoria dos chamados "Novos Movimentos Sociais", introduzida por Touraine, entre outros, mostra como o MST procura impor a priori modelos de ações coletivas nos assentamentos, sem procurar primeiro compreender as realidades rurais brasileiras e tentar um diálogo estratégico entre as visões de mundo dos assentados e a ideologia do movimento. A pesquisa constatou que, nos projetos de assentamento acompanhados, os assentamentos do MST não têm correspondido em termos de aceitação, ao modelo teórico-ideológico norteador das práticas do movimento. Os estudos de caso mostram que nos dois assentamentos, apesar de haver uma identificação de algumas famílias com os ideais do MST, a sua expressão coletiva só pode existir se for construída a partir da interação entre os assentamentos e o movimento. A imposição de modelos de produção e de sociedade não combina com as trajetórias sociais, culturais e históricas das famílias assentadas. O sentido e o significado dado às ações coletivas pelos assentados não refletem os ideais de revolução e de sociedade socialista do MST. Essas conclusões apóiam-se sobre numerosas entrevistas, observações de campo e convívio com os assentados durante várias semanas nos dois assentamentos e sobre o minucioso estudo dos documentos internos e externos do MST desde sua fundação até o ano de 2005. Esses elementos comprovaram que a reforma agrária não é um fim em si para o movimento, mas um meio para atingir o tão sonhado ideal da sociedade socialista. Porém esse sonho está ausente do pensamento da maioria dos assentados entrevistados de Mandacaru e Massangana III. Por outro lado, o MST</p>

	<p>enfrenta dificuldades para a promoção de ações coletivas devido às atitudes e comportamentos de seus líderes que têm gerado relações de poder nos assentamentos, em função do favorecimento ou de benefícios pessoais. Em Massangana III, as ações coletivas foram interrompidos devido a conflitos internos entre as próprios lideranças e ao assentados, resultando no desenvolvimento do assentamento não mais na forma coletiva, mas sim individualizada e/ou familiar. Verificamos nos assentamentos estudados que os assentados possuem uma dívida moral com o MST gerada por uma relação de reciprocidade assimétrica produzindo respeito, obediência e dependência. Porém, outros valores humanos de solidariedade, amizade ou responsabilidade então sendo gerados pelas relações locais. Elas se fundamentam no reconhecimento da luta pela terra do MST por um lado e pela mudança de estratégia de atuação dos líderes de outro. É o caso do Assentamento Mandacaru, onde há uma continuidade nas ações coletivas no assentamento por parte dos líderes locais que privilegiam o diálogo, escutando, discutindo e implementando os projetos e pontos de vista dos assentados em primeiro lugar.</p>
Palavras-chave	MST – Mandacaru - Massangana III - modelos de produção e de sociedade.